



1

Quando Neumani entra na sala, a moça de cabelos longos está ajoelhada entre as pernas do coroa de terno branco sentado na grande poltrona marrom. É uma poltrona Sérgio Rodrigues, ele nota primeiro, antes de entender o que a menina está fazendo. Os cabelos alisados dela formam uma cortininha, mas é evidente que Victorino Peçanha desfruta de um boquete relaxante em seu escritório às nove da manhã de um dia útil. Neumani tenta recuar, pensando ter entendido mal a ordem para que entrasse, mas a secretária assexuada já fechou a porta às suas costas. Peçanha acena em silêncio para que ele acabe de chegar e aponta o gordo sofá areia no centro da sala.

Depois de hesitar por alguns instantes, Neumani se senta. Senta e afunda – o sofá areia é modelo movediça. Atolado ali, observa o velho, que continua mudo: sob a cabeleira mais longa que curta, de um grisalho de algodão, o lendário Peçanha ofega um pouco, olhos fechados e narinas latejando no narigão sombreado. Neumani desvia os olhos. Desconfortável dentro de seu terno azul-marinho, o único que tem, luta contra uma azia – hérnia de hiato. Joga na





boca dois comprimidos de hidróxido de alumínio e os mastiga com fúria. A menina geme baixinho, entoando uma vaga melodia. Como se cantasse, ele pensa. E por que não cantaria se está com a vida ganha, mamando no mandachuva de Flowerville?

Pelas paredes de vidro atrás da poltrona de grife do velho Neumani tem uma boa vista do bairro pós-urbano a seus pés. Na superfície envidraçada de cada torre as torres vizinhas se refletem, cada uma replicando e sendo replicada pelas demais, como uma floresta de espelhos sob o sol. Por trás dos espigões avarandados ele vê lá no fundo, num dos cantos, como uma pequena mancha opaca, Nova Esplanada. E atrás dela, já quase se confundindo com o horizonte, a vastidão metálica do Moreirão, o Maracanã dos Ferros-Velhos, com seus pára-choques faiscando à luz da manhã.

Trinta e seis andares para baixo, o tapete verde entre as torres de Flowerville é uma malha suave cortada de vez em quando, sempre em ângulos retos, por estradas de altíssima velocidade. Velocípedes estão a salvo. Bicicletas de peão, não. E daí?

– A boca.

Neumani desperta de seu transe para descobrir que perdeu o fim do ato. A menina já está de pé, enfiada num vestidinho amarelo de malha justa. Suas pernas são longas e nada menos que fenomenais. A pele tem um tom de café-com-leite escuro. Ela abre a boca na frente de Peçanha como se mostrasse que não está mascando chiclete.

– *Excellent, honeypie* – ronrona o velho. – Fala com a Ieda, tá?

De saída, a moça lança para Neumani um olhar oblíquo. É bonita de rosto também. Ele calcula, 15, 16?





A sós com Peçanha, Neumani fica encarando a sola do sapato que o coroa, pernas cruzadas, ergue mais alto que seu nariz.

– Bônus salarial – diz o homem com sua voz de lixa grossa, que Neumani conhece de cor dos noticiários e programas de entrevista na televisão.

Não se sente nada bem. Meio tonto, com dor de cabeça, para não mencionar a queimação de sempre no peito, tenta aclarar as idéias. Precisa demais do emprego. Não ajuda sentir-se deglutido por um sofá carnívoro enquanto ainda lhe queima a retina a cena da garota, uma criança, ajoelhada no carpete do escritório numa manhã boba de quinta-feira. Demora a entender. Bônus salarial, disse o Peçanha. A secretária assexuada, cabelos puxados para trás num coque de governanta alemã, enfia na fresta da porta seu nariz reto, sua boca sem lábios, e diz:

– Posso computar pra Valesquinha?

Computar pra Valesquinha o quê? O velho faz que sim com a cabeça. A mulher não move um músculo do rosto, sai de cena. Só então Neumani compreende.

– De quanto é o bônus?

– Trezentos reais.

– Salário fixo?

– Dois mil por mês.

– Peraí – ele acompanha o fluxo de caixa. – Ela ganha 2 mil de qualquer jeito?

– É o fixo.

– Engolindo ou...

– *Exactly*.

– E cada engolida, trezentinho?

– Isso.



- Ela pode ganhar muito bem!
- Costuma tirar seis, 7 mil.
- Só?

O coroa ri:

– Ela não está aqui *all by herself*. Tem os turnos. Se ficasse o tempo todo, tem razão, ganharia bem mais. Estou velho, mas inteiro. Mas – acende um cigarro, dá um meio sorriso torto – devo presumir por essa conversa que você está interessado no *job*?

De tão baixo, o sofá parece escavado no chão. Batido por ondas de ácido clorídrico, o esôfago de Neumani queima como se ele tivesse engolido um exército de taturanas. Murmura molemente:

- Me estranhando, doutor Peçanha?

E o coroa, juba branca e nariz arroxeadado, boceja para o teto.

- No *shift* da noite é um rapaz – diz, parecendo entediado.
- Mas fique tranqüilo, não me passou pela cabeça que você gostasse do emprego. *Just kidding, boy*.

Neumani sente um gosto azedo na garganta: refluxo ou ódio? Sabe que em algum momento terá que falar com Peçanha de Nova Esplanada, confrontar o poder do homem, por mais que precise do emprego. Deve ser por isso que a queimação em suas entranhas bate todos os recordes. Tritura mais dois comprimidos. Está disposto a fazer barbaridades para sair do buraco sem fundo de Nova Esplanada, mas é claro que entre elas não figura a deglutição de bônus salariais. De repente, o coroa milionário lhe parece uma bichona astuta e perigosa, amoldado aos côncavos da poltrona caríssima com suas unhas manicuradas, sua voz de travesseiro. Incrustado no sofá, Neumani tem vontade de fugir, mas faltam-lhe forças.





Há muito tempo lhe faltam forças. Tirar força de onde, se faz mais de um ano que sua mulher é uma estranha e o trata como invertebrado? O sofá que o engole é a representação mais acabada de seu estar no mundo. Ali está Peçanha – Peçanha para Nora – que lhes vendeu Nova Esplanada. Nova Esplanada, que lhes destruiu a vida. E ele diz:

– Me contaram que você é um gênio da matemática, é verdade?

– Gênio, eu? – Neumani leva um susto. – Gênio é Fermat.

– Quem?

– Fermat. Um matemático antigo, o maior dos amadores. Francês.

– *Fascinating.*

– Criou um teorema que até hoje...

– Vamos deixar a parte das historinhas pra depois – Peçanha o atalha, espalmando uma mãozona em sua direção. – O negócio é que eu preciso de um gênio vivo, vivíssimo. Se você disser que é um, está contratado. Não que eu acredite assim de graça, mas pago pra ver. Pago o salário de um mês e você vai ter três dias para provar que é gênio mesmo, *no bullshit*. Já andaram tentando, ninguém me convenceu. Mas você é um matemático famoso, tinha aquele quadro na televisão, então quem sabe...

Essa súbita rendição a seu talento menosprezado é mais do que Neumani estava preparado para agüentar. A nostalgia de seus dias de glória como estatístico de plantão nas resenhas esportivas do maior canal de TV da cidade, com direito a pôr a cara no vídeo e ser reconhecido na rua, se mistura de repente à saudade que vem sentindo do tempo em que Nora e ele eram só futuro – pois eram os dois tempos, pensando bem, o mesmo tempo. Vindo de um homem





poderoso como Victorino Peçanha, o aceno inesperado ao seu passado quase estelar arrasta Neumani numa onda de admiração sem reservas pela simpatia humilde e lúcida do coroa de cabelo branco e nariz violáceo, o ódio de dois minutos atrás esquecido num instante. Embolada com a admiração vem também uma esperança desesperada de redenção: Peçanha pode ser o seu mecenas, o *deus ex machina* de sua vida descarrilada, quem sabe? Por alguns instantes a vaga gigante quase o afoga, até ir baixando e virar uma ondinha que vai se quebrar numa praia de pânico: e se for peçonhento mesmo, o Peçanha?

Percebendo que o silêncio se prolonga, e que deve ser a sua vez de dizer alguma coisa, Neumani diz:

– Para que o senhor precisa de um gênio da matemática?

Peçanha solta a fumaça devagar, trabalhando o suspense. Encara-o e, quando fala, sua voz tem uma naturalidade estudada:

– Para aperfeiçoar a democracia representativa.

A frase fica flutuando na sala inundada de sol. Neumani não precisa se esforçar para manter uma expressão vazia.

– *I have a dream* – prossegue o coroa. – É um sonho maravilhoso, mas me dizem que não é tão fácil de realizar. Sonhos maravilhosos têm esse hábito. Eu quero, para resumir, salvar a democracia. Melhorar o sistema, garantir o seu futuro, dar o *step ahead* que ele está pedindo e ninguém teve peito para dar. Meu sonho é uma eleição em que cada voto tenha o peso exato daquele eleitor na sociedade. Uma eleição qualitativa, não só quantitativa, uma representação superior. A questão, *of course*, é como fazer isso.

– Como fazer isso sem ir para a cadeia, o senhor quer dizer?





Peçanha se irrita.

– Mas que fucking cadeia é essa, rapaz? Não tem cadeia, nós estamos falando de uma eleição de condomínio. Não tem tribunal eleitoral aqui.

Neumani se apressa a desconversar:

– E como a matemática pode resolver o seu problema?

– Eu preciso de uma fórmula – Peçanha transfere a raiva para o cigarro, apaga-o com força no cinzeiro enorme que divide com o telefone a mesinha ao lado da poltrona. – Um desvio padrão, sei lá como vocês chamam. Algoritmo, alguém usou essa palavra e eu gostei. Um algoritmo que leve em conta o que cada eleitor é, para fixar o valor do voto dele.

– O que cada eleitor é...

– Quem é *socially*. Profile socioeconômico. Posses, nível de educação, ficha criminal.

– Isso deve ser proibido, doutor Peçanha. E de qualquer maneira é impossível, não temos esse tipo de cadastro.

O homem sorri de lado.

– Eu *tenho* esse tipo de cadastro. Até de ficha na polícia, eu tenho. O que eu não tenho é quem me convença de um modo de usar essas coisas, montar a fórmula da sociedade ideal. *You following me?* E o plebiscito está chegando. As árvores vão abaixo *very very soon*, estamos ficando sem tempo.

– As árvores?

Peçanha ignora sua confusão.

– Quanto à lei e essas coisas, é só ser discreto, embutir os cálculos na urna eletrônica. *Black box* total, se é que você me entende. Não é justo que o filho playboy e vagabundo de um membro de ponta de Flowerville, advogado de causas milionárias, tenha um voto com peso igual ao do pai, isso





parece justo? Também não faz sentido que a mulher desse mesmo sujeito passe o dia no cabeleireiro e no shopping torrando a grana do infeliz e tenha, na hora da eleição, a mesma voz que ele. Eu estou falando de um caso real, um amigo que conheço bem, mas você há de concordar que *that's the way life is*, é ou não é?

– Bem...

– Mulheres e filhos são um exemplo clássico. Não foi à toa que me livreí delas todas, uma por uma, e filhos nunca quis. *Never*. Você tem filhos? – a pergunta de Peçanha é tão brusca que, apanhado de surpresa, Neumani demora a responder. Logo perde sua chance, pois o coroa prossegue: – O que importa é reconhecer que as pessoas não são iguais, nunca foram. Tratar todo mundo como igual é uma mistura de demagogia e preguiça, dois defeitos graves dessa democraciazinha esclerosada que a humanidade tem praticado. Você não é nem demagogo nem preguiçoso, eu espero.

Uma idéia ocorre a Neumani de repente.

– E se... Podemos tentar o método Monte Carlo – ele se alegra de ver que sua empolgação com o lado técnico do problema supera a vaga repulsa que, politicamente, a conversa de Peçanha lhe provoca. – O problema é que temos variáveis demais aqui. O que você me pede não é uma equação, é uma cristalização inteira de equações. Temos que fechar o foco, trabalhar com médias.

– Médias? Cuidado para não ir só pelo IPTU, já quiseram me vender isso. Achei medieval vincular o voto ao imposto territorial e só. Sem falar que o filho *scumbag* do meu amigo e a mulher dele moram no mesmo endereço.

– Entendo. E a que mais você quer vincular o voto?





Nota que está chamando o Peçanha de você. E que ele deixa. Deve ser um bom sinal.

– *Income*, claro. Sexo, idade. Saúde, educação. Inteligência, quem sabe? *What the hell*, eu não tenho a solução. Essa eu espero que venha de você, se topar o desafio.

– Tá topado – diz Neumani. – Deixa comigo.

Sai do encontro nervoso, sentindo um golpe de ar preso na barriga, mais ou menos na altura em que termina sua gravata dourada de bolinhas pretas, um padrão que esteve na moda quatro anos atrás. A descida em alta velocidade no elevador panorâmico agrava o mal-estar. No térreo atarefado do Pessanhah Tower, entre gente bem vestida e perfumada que vai e vem, saltos tiquetaqueando no chão espelhado, lê os sinais pretos nas paredes de granito branco: *No Smoking, Exit, Toilette, Elevator, Cafeteria, No Access, Personel Only*. Passa de volta pela loura de dois metros de altura que o anunciou pelo interfone uma hora atrás.

– *Welcome to Pessanhah Tower* – ela está dizendo a um grupo de japoneses.

Welcome to Pessanhah Tower. Welcome to Flowerville. Depois de conversar com Peçanha, Neumani já não estranha tanto aquele *welcome* obrigatório que Flowerville parece considerar tão educado. Caminha pelas ruas do condomínio entre bancas de jornal e floristas, mesas de café e tábuas de shiatsu ao ar livre, parquinhos com balanço e anúncios holográficos que saltam na calçada e dos quais todo mundo desvia – por reflexo, mas também porque dizem que dá azar passar dentro de holografia. *Aqui tudo é playground*, o slogan dos tempos do lançamento do projeto pós-urbano lhe vem à cabeça.

Só então se dá conta da vergonha – a vergonha de não ter sequer tocado no assunto de Nova Esplanada em seu pri-





meiro encontro com Victorino Peçanha. Como podia ter acontecido? Chegara a ensaiar o que ia dizer: “Aquele assunto é um, este é outro, doutor. Vamos trabalhar juntos, mas confio que a Justiça ficará do meu lado no caso de Nova Esplanada”. Mentira – ficará nada. O caso se arrasta há anos feito lesma por tribunais letárgicos, uma lesma tornada ainda mais lerda pela obrigação de rebocar a montanha de papéis que os advogados milionários de Peçanha tratam de aumentar a cada dia. Mesmo assim, tinha que ter tocado no assunto. Questão de dignidade.

Imagina Nora lhe perguntando se confrontou o homem. Na cena que projeta em sua cabeça, estão jantando no silêncio de Nova Esplanada quando ela crava nele um par de olhos cheios de uma esperança nova, a esperança de salvar um casamento em frangalhos com a simples mudança de endereço. E por que não acreditar, pensa Neumani, que tudo ficará bem outra vez quando forem embora daquela hecatombe, boca banguela em que apenas cinco casas fazem as vezes de dentes e, dessas, só a deles e a do doutor Mirândola são propriamente habitadas, o resto se fechando no vazio como ostras bestas? Neumani se vê mentindo para sua mulher, claro que falou com Peçanha. Confrontou-o, ela precisava ter visto. Depois acha que isso não vai colar e busca outra estratégia: desculpa, evasiva, meia verdade? E o tempo todo, enquanto antecipa a conversa daquela noite diante do jantar de microondas, sabe que os sem-nada estarão lá fora vigiando, só os muros com grades eletrificadas a protegerem os dois da horda de despossuídos. Uma horda composta às vezes de muitas dúzias, o que elevava o alarme de Neumani a níveis dolorosos, para no dia seguinte se contar nos dedos outra vez. Ele nunca conseguiu decifrar a matemática por trás dos movimentos de





fluxo e refluxo daquela gente, mas tem certeza de haver no mundo uma equação que os traduza com perfeição. Sua tarefa, a tarefa dos matemáticos, é desentocar essa equação, trazê-la à luz do dia. Sempre existe uma fórmula para explicar tudo, mas às vezes ela se mantém caprichosamente oculta. Como o teorema de Fermat.

Neumani entra em seu carro, que deixou estacionado do outro lado da praça em frente ao Pessanhah Tower, à sombra de uma amendoeira. O dia não é dos mais quentes, mas mesmo assim tira paletó e gravata, arregaça as mangas e abre os dois botões de cima da camisa. O serviço de guarda-livros que o espera, numa transportadora de carga cujos escritórios ocupam um andar inteiro num prédio carcomido da Cidade Velha, não comporta o traje. Mais do que não comportar, Neumani sabe que seria hostilizado se aparecesse por lá naquele apuro. Já basta o atraso desta manhã, que comunicou de véspera, inventando uma consulta médica urgente. Como toque final, desarruma o cabelo diante do retrovisor. Tudo em seu emprego é de uma indigência condizente com seu casamento, com Nova Esplanada, com a vida inteira. E agora sua cara volta a espelhar isso.

Na hora do almoço, Neumani está em pé junto ao balcão de um botequim perto do trabalho, comendo um misto-quente com água mineral, quando ela entra. Balançando os cabelos lisos que batem no meio das costas, vai se sentar sozinha a uma mesa do fundo. Ele a acompanha com os olhos. A menina parece mais frágil e mais jovem do que poucas horas atrás, quando a viu ajoelhada aos pés de Peçanha. O que estará fazendo na Cidade Velha, tão longe de Flowerville?





Valesquinha ergue os olhos de repente e dá com Neumani a observá-la. Apanhado assim em flagrante, ele entra em pânico e procura o teto numa fuga estabanada. Depois se faz de ocupado mordendo o misto, e quando se vira de novo para o fundo do bar os olhos da menina ainda estão fixos nele. Preparado desta vez, sustenta virilmente o olhar. Inclina de leve a cabeça, num cumprimento mais formal do que pretendia.

Então Valesquinha faz algo notável: revira os olhos, torce a boca, capricha na cara de nojo. Neumani deixa o troco e sai correndo dali.

